

---

# A CONSTRUÇÃO DO PRIMEIRO DEBATE PRESIDENCIAL DOS ESTADOS UNIDOS

## THE MAKING OF THE FIRST U.S. PRESIDENTIAL DEBATE

---

Waldemar Neto  
Graduando em História pela PUCRS  
E-mail: [waldemardn@gmail.com](mailto:waldemardn@gmail.com)

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar a série de eventos que tornaram possível a realização do chamado “grande debate de 1960”, bem como entender sua contribuição para o resultado final da eleição presidencial entre o senador John Kennedy e o vice-presidente Richard Nixon.

**PALAVRAS CHAVE:** Debate presidencial. Estados Unidos. Televisão.

**ABSTRACT:** This article aims to identify the series of events that made possible the “great debate of 1960”, and also understand its contribution to the final result of the presidential election between Sen. John Kennedy and Vice-President Richard Nixon.

**KEY WORDS:** Presidential debate. United States. Television.

A noite do dia 26 de setembro de 1960 ficou marcada na história da televisão e da política dos Estados Unidos. Ao invés da transmissão de um episódio do popularesitcom *The Andy Griffith Show*, a rede de televisão CBS, pela primeira vez, reuniu os dois principais candidatos à presidência dos Estados Unidos, frente a frente, para discussão de propostas e temas de interesse público. A popularização da televisão tornou possível a transmissão das principais ideias para localidades remotas pela primeira vez, foi possível observar o todo potencial que este meio de comunicação poderia oferecer para o meio político.<sup>1</sup>

Na noite do debate, a diferença entre a aparência de Kennedy preocupou os organizadores a tal ponto de tentar cancelar o encontro: o rosto pálido do republicano contrastava com o bronzeado e o sorriso branco do jovem democrata. Enquanto Kennedy fazia ensaios e se preparava para o debate no sol da Califórnia, Nixon resmungava em uma cama de hospital, devido a uma infecção no joelho que o havia tirado dos compromissos de campanha por quase duas semanas. Ao ser liberado pelos médicos, Nixon fez exaustivas viagens para

---

<sup>1</sup> A popularização da televisão pode comprovada por dados do governo americano: segundo o censo de 1950, apenas dez por cento das 40 milhões de famílias possuíam aparelho de televisão em suas residências. As vésperas da eleição de 1960, pelo menos oitenta e oito por cento das 44 milhões de famílias já tinham acesso à televisão (KRAUS, 2000, pp. 205–213).

tentar recuperar o tempo perdido. Estava claro que a percepção da imagem na televisão para os dois candidatos era diferente: Nixon, que já havia experimentado certo sucesso na televisão, devido ao *Checkers speech* de 1952 e pela participação em um debate com o primeiro-ministro da União Soviética, Nikita Khrushchev, acreditava que, na área política, os tele-espectadores dariam importância apenas aos diálogos, considerando a imagem apenas um detalhe. Já Kennedy compartilhava da visão de seu *staff*, que considerava que uma boa imagem na televisão era essencial para passar confiança para o público. Mesmo com interpretações opostas, os dois candidatos apenas conseguiram realizar o debate por conta de uma longa disputa que envolveu o Congresso e o Senado.

## A FORMAÇÃO DA IDEIA DE DEBATE PRESIDENCIAL

Certa vez, Adlai Stevenson II, político democrata do estado de Illinois, disse que o uso da televisão seria essencial para realmente demonstrar ao grande público as diferenças entre dois candidatos a presidência e suas formas de governo. Desde a derrota que havia sofrido nas eleições presidenciais de 1956 contra o poderoso presidente Dwight D. Eisenhower, Stevenson passou a ser defensor do uso da televisão para realizar um evento chamado “grande debate”. A ideia era simples: colocar dois candidatos em um cenário, e um moderador fazendo perguntas com transmissão para todo país, via cadeia de televisão. Em sua visão, a transmissão do debate não seria uma grande novidade: em 1948, havia ocorrido o primeiro debate em cadeia de rádio entre Harold Stassen e Thomas Dewey, na disputa pela nomeação do partido republicano para concorrer à presidência contra Harry Truman. Stevenson acreditava que a transmissão de um debate presidencial em cadeia de televisão não seria tão difícil.<sup>2</sup>

Mas os problemas para a realização de um debate televisivo seriam muito maiores que Adlai poderia imaginar. Discussões acaloradas tomaram conta do Senado estadunidense: todos concordavam que a televisão seria um instrumento extraordinário para as campanhas eleitorais, mas os senadores dividiam-se em várias propostas da forma de uso da televisão. O senador John Pastore enviou para análise de seus colegas uma proposta que obrigava todas as redes nacionais de televisão a dar uma hora por semana de sua grade horária durante as oito

---

<sup>2</sup>Minow (2008) considera Adlai Stevenson o “pai dos debates presidenciais dos Estados Unidos”, ideia que é contraposta por Kraus (1961), que argumenta que os debates eram necessários devido à grande popularidade da televisão.

semanas que antecederiam as eleições. Certamente isto não era o debate que Adlai havia proposto, mas outra forma de uso da televisão na disputa presidencial, visto que Pastore considerava a ideia de debate “inviável”. Em princípio, apenas os candidatos democratas e republicanos poderiam fazer uso deste tempo livre. Candidatos de terceira via deveriam efetuar a compra de tempo televisivo, caso desejassem. Obviamente esta proposta não foi muito longe: o ex-presidente Herbert Hoover foi o primeiro a se posicionar contra, citando a injustiça que aconteceria com os partidos menores. Ao saber da proposta de Pastore, uma série de protestos foi organizada pelo Partido Socialista Americano (MINOW, 2008, pp. 18-23).

A indústria da televisão também era contra o projeto de Pastore: em uma edição da revista *Broadcasting*, um representante das principais redes de TV estadunidenses disse que a proposta era um abuso, que violava a quinta emenda da constituição. O vice-presidente da *National Broadcasting Company* (NBC) complementou dizendo que dar tempo livre aos candidatos violava uma série de leis de comunicação. Ao mesmo tempo em que faziam as críticas, as redes de televisão fizeram novas propostas ao Senado. A primeira veio do presidente da *Columbia Broadcasting System* (CBS), Frank Stanton: dar oito horas de tempo para os candidatos debaterem assuntos do interesse da população estadunidense. Neste caso, Stanton pediu caráter de exclusividade, ou seja, apenas a CBS poderia transmitir estes debates, caso ocorressem. Já a NBC encaminhou uma contraproposta constituída em um programa *Meet the Press*, com os candidatos respondendo a perguntas de jornalistas em horário nobre, nos quatro domingos antes da eleição. Outra rede que enviou proposta ao Senado foi a *American Broadcasting Company* (ABC), que sugeriu um rodízio entre as televisões: cada semana os candidatos teriam horário nobre garantido nas três redes de TV citadas, e utilizariam o tempo como bem entendessem (KRAUS, 1961, pp. 91-94).

De todas estas propostas, apenas a proposta da NBC não precisaria alterar nenhuma lei, já que os regulamentos para campanha, aprovados em 1959, garantiam participações em programas que se enquadrariam na categoria “entrevistas”. Quando tudo se caminhava para um desfecho, novamente foram levantadas, no Senado, questões da constituição: para se organizar um debate, todos os candidatos a presidente deveriam ser convidados. Para dar tempo livre para um candidato, todos os demais deveriam também receber. Isto era o que dizia a seção 315 do Ato de Telecomunicações dos Estados Unidos.

A comissão do Senado negou uma proposta que barrava a participação de candidatos cujo partido havia recebido menos de quatro por cento das intenções de voto na última eleição

(1956) nos programas de televisão.<sup>3</sup> Segundo Stanton, representante das redes de televisão na comissão, restringir a margem em quatro por centobarraria arbitrariamente qualquer chance de um novo partido surgir como opção naquele ano.<sup>4</sup> Para o presidente da NBC, a escolha dos candidatos que deveriam aparecer na televisão deveria ser feita através de uma análise do apoio de cada candidato no âmbito nacional, mesmo sabendo que isto significaria, quase com total certeza, que apenas o representante democrata e o representante republicano seriam convidados pelas emissoras (MINOW, 2008, pp. 24-25).

Vendo que a discussão era interminável, a CBS pressionou o Congresso estadunidense para dar um fim na lei de tempo igual para todos os candidatos nas eleições de 1960. Após certa discussão, o Congresso suspendeu a seção 315, somente no período das eleições de 1960. Sendo assim, as redes de televisão apenas tinham a obrigação de convidar os dois principais candidatos daquele ano: Richard Milhous Nixon, do Partido Republicano, e John Fitzgerald Kennedy, do Partido Democrata. Logo depois do ato de tempo livre ser suspenso no congresso, as grandes redes de televisão dos Estados Unidos concordaram em organizar quatro debates, cada um com sessenta minutos, sendo transmitidos ao vivo em rede nacional.

## **KENNEDY CONTRA NIXON**

A nomeação de John “Jack” Kennedy para ser o candidato do Partido Democrata não foi fácil. Kennedy sofreu pressão interna do seu partido, especialmente na ala liderada pelo ex-presidente Harry S. Truman, que considerava Kennedy muito jovem e inexperiente. Os liberais democratas acreditavam que Kennedy era o “tomate verdedo partido”, e que não teria chance de vitória também pelo fato de ser católico.<sup>5</sup> Os liberais democratas tentaram convencer Kennedy de ocupar a candidatura de vice-presidente, o que causou a ira do Senador de Massachusetts, que respondeu: “não estou disputando a vaga de vice-presidente. Estou disputando a vaga de presidente”. Percebendo a resistência ao nome de seu filho dentro do seu próprio partido, Joseph Kennedy, um dos homens mais influentes dos Estados Unidos na

---

<sup>3</sup> Em 1956, o único partido com mais de 100 mil votos, além do Partido Democrata e do Partido Republicano, foi o *States Rights Party*, com 0.2% da soma total de votos (102 mil votos).

<sup>4</sup> Stanton considerava que a política poderia mudar muito em quatro anos. Citou como exemplo alguns casos da história política de seu país, como na criação do Partido Republicano, que, por não ter feito nem dois por cento dos votos em 1852, teria excluído o candidato a presidente daquele partido em 1856, apesar do fato que quatro anos depois os republicanos terem ganhado a disputa pela Casa Branca e permaneceram lá por vinte e quatro anos ininterruptos. Ou não teria dado espaço para o recém-criado *Bull Moose Party* de Theodore Roosevelt, nas eleições de 1912, mesmo que este tenha feito mais votos que os republicanos, naquele ano.

<sup>5</sup> Os liberais diziam que Kennedy sofreria do sentimento anticatólico no país, assim como o candidato democrata Al Smith sofreu em 1928, quando foi derrotado pelo republicano Herbert Hoover.

época, disse a Nixon que apoiaria a candidatura do republicano para a presidência no caso de John ser derrotado nas primárias ou na convenção por um “medalhão” (MATTHEWS, 1996, p. 133).

Além de Kennedy, três candidatos com larga experiência manifestaram o interesse na nomeação para ser o candidato a presidente do partido democrata: o primeiro era Adlai Stevenson II, que havia perdido as eleições de 1952 e 1956 para o republicano Dwight D. Eisenhower. Outro candidato cotado para a vaga democrata era Stuart Symington, Senador de Missouri que era apoiado publicamente por Harry Truman. Mas o nome que mais ameaçava Kennedy era Lyndon Baines Johnson, Senador do Texas e visto pela ala liberal como o candidato “perfeito”, por ser reconhecido nacionalmente e ter vasta experiência na discussão de assuntos de interesse nacional (SAVAGE, 2006, pp. 61-62). Estes três nomes fizeram a aliança conhecida como “*Stop Kennedy*”, e os três decidiram não disputar as primárias com o Senador de Massachusetts: todos apostavam que Kennedy desistiria da campanha e que a vaga da nomeação seria decidida apenas na Convenção Nacional Democrata.<sup>6</sup>

Para ganhar delegados, Kennedy decidiu participar das primárias nacionais. Organizou comitês em todos os estados de seu país. Em alguns deles, Kennedy foi desafiado por Hubert Humphrey, Senador de Minnesota. Comparada com a grande estrutura montada por Kennedy, a campanha de Humphrey foi um fracasso. Percebendo a diferença absurda de investimentos, Hubert dizia que era “um comerciante independente que estava competindo com uma cadeia de lojas”, devido à grande organização da família Kennedy em torno de seu candidato (SOLDBERG, 2003, p. 205). A resistência ao nome de Kennedy surgiu, oficialmente, na Convenção Nacional do Partido Democrata, que ocorreu entre os dias 11 e 15 de julho de 1960. O principal concorrente do jovem Senador foi Johnson. Os dois discutiram suas propostas durante a Convenção, realizando até um debate improvisado. Mesmo enfrentando toda a experiência de Johnson, Kennedy havia conseguido a maioria dos delegados necessária. No final, Jack conquistou votos de 806 delegados, contra 409 de Johnson, 86 de Symington e 79 de Stevenson. Para surpresa da mídia, poucos dias depois de sua nomeação, Kennedy anunciou seu companheiro de chapa: Lyndon Johnson.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup>*Stop Kennedy* foi um dos movimentos mais analisados pelos historiadores políticos dos Estados Unidos na década de 1960. Para uma análise detalhada, ver DONALDSON, 2007, p. 50-60.

<sup>7</sup> Discute-se muito sobre a indicação de LBJ para a chapa de Kennedy. Duas teses são aceitas pelos historiadores americanos: a primeira aponta que Kennedy necessitava de votos no sul dos Estados Unidos, e teve que optar por Johnson devido à popularidade e poder de LBJ nos estados sulistas. A segunda tese é que Kennedy ofereceu a vice-presidência para Johnson como um ato de cortesia, para obter o apoio de Johnson na eleição geral, e viu-se surpreso com a aceitação de Lyndon, sabendo que “Johnson nunca gostou de ser o número dois”. Uma coisa era certa: Kennedy não queria Lyndon Johnson como seu companheiro de campanha. Preferia Stuart Symington.

Pelo lado republicano, Nixon sofreu menos resistência. Em 1959, quando o então vice-presidente dos Estados Unidos expressou sua vontade em ser o sucessor de Eisenhower, especulou-se que o Governador de Nova Iorque, Nelson Rockefeller, poderia ser seu rival nas primárias republicanas. Mas Rockefeller desistiu logo após receber as primeiras pesquisas de opinião pública, que apontavam uma larga margem de vantagem para Nixon. A confirmação da nomeação de Nixon para a disputa do cargo de presidente veio na Convenção Nacional Republicana, que ocorreu entre os dias 25 e 28 de julho de 1960. Sua indicação para vice-presidente foi Henry Cabot Lodge, ex-senador de Massachusetts que havia perdido sua vaga em 1953, justamente para John Kennedy. Com os candidatos já definidos e suas campanhas percorrendo o país, as atenções estavam voltadas para a preparação do grande confronto entre Nixon e Kennedy.

## **A PREPARAÇÃO PARA O PRIMEIRO DEBATE**

Em meio a campanhas que percorriam os principais estados americanos, as equipes de Kennedy e Nixon cuidaram dos detalhes para a realização do primeiro debate presidencial. A primeira grande reunião relacionada aos debates aconteceu em oito de setembro, em um encontro entre os representantes dos dois candidatos com diretores da CBS, emissora responsável pela organização da primeira transmissão. A cidade de Chicago, Illinois, foi escolhida para receber os dois candidatos, por ter a melhor estrutura para transmissão ao vivo entre todas as filiadas da CBS. O item mais discutido desta reunião foi o formato do cenário: as campanhas divergiram em aspectos que variavam desde as cores de fundo (Nixon exigia um tom mais escuro e Kennedy queria tons claros), até a distância que separavam os candidatos. Os detalhes sobre esta questão só seriam resolvidos poucas horas antes do início do debate, com um cenário de fundo cinza com os candidatos separados por uma distância razoável. Durante os dias que antecederam o primeiro debate presidencial da história dos Estados Unidos, Kennedy e seu *staff* estudaram uma série de dados referentes aos números da gestão de Eisenhower. Os democratas também pediram a opinião de analistas sobre a postura de Nixon como vice-presidente.

Em agosto, foram veiculados os primeiros comerciais televisivos de ambos os candidatos. Enquanto os republicanos publicaram um primeiro anúncio em que apresentavam Nixon como um homem de grande experiência, por ter servido oito anos como vice-presidente, a campanha de Kennedy se apegava a uma declaração de Eisenhower. Em uma

coletiva de imprensa, um repórter questionou o presidente americano sobre alguma ideia ou plano em que Nixon tenha sido decisivo. A resposta de Eisenhower foi alvo da propaganda democrata mais popular das eleições daquele ano, considerada por David Mark como a primeira “propaganda suja” da política americana:

Todos os políticos republicanos querem que você acredite que Richard Nixon é “experiente”. Eles querem que você acredite que ele está tomando decisões na Casa Branca. Mas ouça o homem que deve saber mais sobre isto, o presidente dos Estados Unidos. Um repórter perguntou recentemente para o presidente Eisenhower uma questão sobre a experiência de Nixon: “eu gostaria de saber se você (Eisenhower) poderia nos dar um exemplo de uma grande ideia que você tenha adotado (de Nixon), que seja de caráter decisivo e final”. Eisenhower respondeu: “se você me der uma semana, eu posso pensar em uma, eu não me lembro”. Na mesma conferência de imprensa, o presidente Eisenhower disse: “ninguém toma qualquer decisão a não ser eu”. [...]. O presidente Eisenhower não se lembra, mas você irá se lembrar. Para uma liderança real na década de 1960, ajude a eleger o senador John F. Kennedy para presidente (MARK, 2009, p. 43).

Cabe dizer que apesar de existirem comerciais de campanhas na televisão desde as eleições de 1948, apenas em 1960 as campanhas passaram a dar maior atenção a eles, notando a crescente popularidade da televisão. A declaração de Eisenhower foi vista como uma bomba para o partido republicano. Toda noção de experiência que estava sendo criada em torno de Nixon, parecia estar sendo destruída pelo homem mais importante do partido. Eisenhower explicou a Nixon que não queria que sua declaração tomasse tamanha dimensão, e se defendeu justificando que apenas tinha usado aquela frase para encerrar uma longa conferência. Para os republicanos, o estrago estava feito: Nixon considerava que apenas uma grande exibição no primeiro debate poderia afirmar sua imagem de homem político experimentado com potencial maior que o de Kennedy (JAMIESON, 1996, pp. 146-147).

## **O PRIMEIRO DEBATE PRESIDENCIAL**

Na noite do dia 26 de setembro de 1960, Richard Nixon foi o primeiro a chegar aos estúdios da CBS. Mas nada parecia correr bem para o republicano: ao abrir a porta para descer do carro que o transportou do hotel até a estação de televisão, Nixon bateu seu joelho direito com força no veículo, gritando de dor. Apenas duas semanas antes, o vice-presidente havia sido liberado do hospital, devido a uma infecção neste mesmo joelho, causada também por

uma batida na porta de um carro. Após ser liberado pelos médicos, o Partido Republicano tentou recuperar o tempo perdido e criou uma extensiva agenda de compromissos para Nixon. Quando o republicano se dirigiu para o interior do estúdio da CBS, ainda com dor, os produtores da emissora e os jornalistas presentes ficaram surpresos ao encontrar um homem pálido, abaixo do peso e exausto. Segundo o jornalista David Halberstam: “Nixon parecia que estava indo a um funeral ao invés de ir a um debate” (SCHROEDER, 2008, p. 01). Após descansar por alguns minutos no camarim, Nixon foi até o palco onde seria realizado o debate, e recebeu os cumprimentos de Oliver Treyz, presidente da ABC, que mais tarde, em um jantar comemorativo aos vinte e cinco anos do primeiro debate, lembraria:

Quando vi Nixon, a primeira coisa que fiz foi perguntar: “está tudo bem com você? Você está se sentindo bem?” Eu fiz isto porque ele realmente parecia muito mal. Ele me respondeu que não estava muito bem e me mostrou um frasco de Tetraciclina, dizendo que estava com aproximadamente 39 graus de temperatura. Observando a situação, perguntei a ele se não era melhor cancelar o debate, mas prontamente Nixon rejeitou, dizendo que não queria acordar e ter de escutar que ele era um covarde (SCHROEDER, 2008, p. 20).

Além dos problemas no joelho e com febre, Nixon enfrentava o despreparo para uma situação nova. O partido não deixou tempo livre para preparar o vice-presidente para o debate. Nixon estudava livros políticos antes de dormir. Segundo Don Hewitt, diretor geral da CBS, “Nixon acreditava que este compromisso (o debate) era apenas mais um em sua agenda” (HEWITT, 2000, p. 70).

Quinze minutos depois do encontro entre Nixon e Treyz, John Kennedy chegou ao estúdio. Diferentemente do republicano, o Senador de Massachusetts estava descansado e bem preparado. As semanas que Kennedy havia passado fazendo discursos no sol da Califórnia o deixaram com uma pele bronzeada, que iria causar mais tarde um enorme contraste ao pálido Richard Nixon. Quando Kennedy entrou no palco do debate, Howard K. Smith, moderador do primeiro debate, comparou o democrata com “um atleta que estava pronto para receber sua coroa de louros” (SCHROEDER, 2008, p. 02). Após Nixon e Kennedy se cumprimentarem, os dois partiram para uma sessão inicial de fotos. O vice-presidente certamente notou a grande diferença na sua aparência em comparação ao democrata. Ted Rogers, assessor de Nixon, mais tarde lembraria que havia tentado fazer com que seu candidato tomasse mais sol após sua saída do hospital, mas recebeu uma negativa do vice-presidente.

A CBS ofereceu aos dois candidatos alguns dos melhores maquiadores do país. Don Hewitt acreditava que Kennedy e Nixon deveriam apresentar a melhor imagem possível na televisão. Quando os dois rivais ainda estavam no palco, membros da equipe de produção foram até Kennedy oferecer os serviços dos maquiadores que haviam chegado de Nova York. O democrata negou. Ao ouvir a negativa de Kennedy, Nixon também rejeitou os serviços de maquiagem, ato que o professor Alan Schroeder considerou “uma atitude de *machismo* que se tornaria em uma falha estúpida”. Ted Rogers tentou explicar para Nixon que seu tom de pele era muito claro, e que apesar de Nixon manter seu orgulho perante seu rival de campanha, o certo seria ir para o camarim e aceitar a maquiagem, para ter uma imagem aceitável na televisão (SCHROEDER, 2008, p. 03).

Os problemas de Nixon com sua aparência não eram novidade: duas semanas antes do debate, Nixon participou do programa do jornalista Walter Cronkite, e discutiu sobre as peculiaridades de sua pele: “eu posso me barbear em trinta segundos, e ainda assim ter barba, ao menos que coloquem em minha pele algum pó, como os maquiadores fizeram hoje”. Rejeitando a todo custo se maquiar, Nixon apenas aceitou passar um cosmético conhecido como *Lazy Shave*, que cobria a barba do candidato (AMBROSE, 1987, p. 571). No camarim democrata, Nixon não sabia que Kennedy havia trazido seus próprios maquiadores. Enquanto a preocupação do democrata era demasiada alta, Nixon não deu valor para sua imagem na televisão, mesmo após os pedidos de sua equipe. Don Hewitt perguntou a Ted Rogers se este aprovava a aparência e as roupas que Nixon vestia. Não satisfeito com a resposta positiva dos republicanos, Hewitt levou o caso para o presidente da CBS, Frank Stanton, que meia hora antes do debate presidencial fez a última proposta para Nixon revisar sua imagem, lembrando que pelo menos cinquenta milhões de pessoas acompanhariam o debate presidencial (HEWITT, 2000, p. 72-73).

Além de não usar maquiagem, Nixon havia selecionado um traje cinza, que apenas realçava sua palidez. Por outro lado, Kennedy vestia roupas pretas, que davam tom a sua pele bronzeada. Para Stanton, a má apresentação de Nixon gerou uma desvantagem visual de extrema gravidade, e alertou os republicanos que sua experiência dizia que o candidato poderia ser castigado pelo público apenas por uma má imagem exposta na televisão. Ainda assim, o staff de Nixon não conseguiu convencer o vice-presidente a trocar seu traje ou se maquiar.

Eram nove horas e trinta minutos da noite do dia 26 de setembro, quando Howard K. Smith abriria o debate dizendo: “os candidatos não precisam de introdução”. Era possível

observar as diferentes posturas dos candidatos desde a primeira tomada de câmara, que mostrava os dois juntos. Segundo Alan Schoeder, “Nixon parecia estar tenso e assustado, enquanto Kennedy estava calmo e com aparência tranquila” (SCHROEDER, 2008, p. 05). Enquanto Smith ditava as regras do debate, os candidatos estavam sentados em cadeiras posicionadas ao lado do moderador. O democrata do lado esquerdo e o republicano do lado direito de Smith. Segundo o combinado pelos partidos, Kennedy foi o primeiro a ter a palavra, o que foi vital para o andamento do debate. Para Ambrose, biógrafo de Nixon, as palavras iniciais de Kennedy afetaram a estratégia debate do vice-presidente, que não esperava ataques de Kennedy logo no seu pronunciamento inicial (AMBROSE, 1987, p. 572). Ao receber a palavra de Smith, Kennedy se levantou e se posicionou contra o governo de Eisenhower e Nixon, citando que os Estados Unidos estavam com a menor taxa de crescimento econômico entre os países industrializados. O democrata lembrou a eleição de 1860, que desencadearia na guerra civil americana, e comparou com a luta dos Estados Unidos contra a União Soviética, no que Kennedy considerava uma luta entre a escravidão contra a liberdade:

Na eleição de 1860, Abraham Lincoln disse que a questão seria se esta nação pode existir metade escrava e metade livre. Na eleição de 1960, com o mundo de olhos em nós, a questão é se o mundo pode existir metade escravo e metade livre. [...]. Esta noite iremos discutir sobre questões internas, mas eu não quero que pareça que isto não envolve diretamente nossa batalha com o senhor Khrushchev pela nossa sobrevivência. O senhor Khrushchev está em Nova York, e ele mantém a ofensiva comunista pelo mundo, devido ao poder produtivo da União Soviética (KRAUS, 2000, p. 175).

Em seu discurso de abertura, Nixon concordou com Kennedy, citando que era impossível discutir questões internas dos Estados Unidos sem reconhecer que elas estavam relacionadas com o que acontecia no cenário internacional, citando especialmente a União Soviética e a China.

Concordo com o espírito que o Senador Kennedy expressou hoje. O espírito que os Estados Unidos devem avançar. Mas onde, então, nos discordamos? Eu acredito que nos discordamos, por exemplo, nas observações que ele fez hoje e nos discursos que ele tem feito em várias ocasiões durante sua campanha dizendo que os Estados Unidos não progridem (KRAUS, 2000, p. 177).

Os republicanos ficaram surpresos ao assistirem as palavras iniciais de Nixon no debate. Não era esta a estratégia que eles haviam planejado. Nixon ouviu a recomendação do partido para não atacar diretamente Kennedy, pois a cúpula do partido duvidava que o democrata fosse fazer ataques diretos ao governo logo no primeiro encontro. Foi sugerido a Nixon utilizar seu tempo para demonstrar sua experiência nos assuntos relacionados à política interna. Em suas memórias, Nixon escreveu que, apesar da política externa ser seu ponto forte, foi pego de surpresa com a declaração inicial de Kennedy sobre a União Soviética, pois além de Kennedy fazer paralelo com um assunto que não deveria ser abordado neste encontro, também atacou a gestão de Eisenhower (NIXON, 1978, pp. 270-271).

Na sequência do debate, os jornalistas Sander Vanocur, da NBC, Charles Warren, da *Mutual Newse* Stuart Novins, da CBS, passaram a fazer perguntas para os candidatos. O tema inicial do primeiro quarto do debate foi centralizado na experiência de Nixon e de Kennedy. O democrata foi questionado por qual motivo os eleitores deveriam votar nele ao invés do então vice-presidente dos Estados Unidos. Kennedy lembrou que a sua carreira política no âmbito nacional começou no mesmo ano de Nixon, em 1947, quando os dois foram eleitos para a Câmara dos Representantes. O democrata considerou Nixon como o líder do seu partido, citando que o republicano “se opõe ao auxílio federal para a educação, auxílio médico para os idosos”.

Uma das questões mais esperadas do primeiro encontro, sem dúvida, era baseada na declaração de Eisenhower sobre a participação de Nixon no seu governo. O republicano se defendeu, dizendo que por várias vezes Eisenhower havia pedido sua opinião em assuntos relacionados à política interna e às relações exteriores. Para Nixon, estava claro que a declaração de Eisenhower foi mal entendida. Surpreendentemente, Kennedy não comentou sobre a declaração de Eisenhower, se limitando a citar sua experiência de quatorze anos no Congresso.

Durante as respostas, era possível notar que Kennedy parecia confortável com os questionamentos, enquanto Nixon parava pelo menos dez segundos antes de cada pergunta para iniciar suas considerações. Na passagem da cadeira para a bancada de respostas, Nixon se mostrava confuso. A transição das câmeras de televisão para a imagem de Nixon, quando este estava sentado, mostrava o vice-presidente com as pernas abertas e com seus braços de forma rígida sobre a cadeira, o que Rogers considerou como “um ponto negativo para a construção da imagem de um candidato na televisão” (MATTHEWS, 1996, p. 174).

Nos minutos restantes do debate, foram feitas questões relacionadas à educação e a votações no Congresso. Antes das considerações finais, os candidatos concordaram que a ameaça comunista era real, e deveria ser analisada com muito cuidado pelo presidente eleito.

Nas considerações finais, Nixon novamente reafirmou que concordava com Kennedy nas questões relativas à União Soviética, e citou que a principal diferença entre as duas campanhas seria a forma de gestão da economia dos Estados Unidos: enquanto os republicanos, na opinião de Nixon, mostravam-se a favor de um corte de gastos e de programas sociais que acompanhassem o desenvolvimento da economia do país, Kennedy e os democratas eram a favor da criação de um grande plano de auxílio de saúde com atenção para os idosos que gastariam, na visão republicana, recursos preciosos do governo.

Kennedy, por sua vez, disse que a ameaça soviética seria algo real caso o governo não conseguisse progredir no campo econômico e no campo militar. Após 60 minutos, o moderador Howard K. Smith despedia-se do público estadunidense, com a maior audiência registrada até então para um evento político na televisão: mais de 66 milhões de americanos assistiram ao debate pela televisão, e outros 14 milhões ouviram o programa pelo rádio.

## **DEBATE DE 1960: CONCLUSÕES FINAIS**

Minutos depois do fim da transmissão, uma pergunta tomou a cabeça dos americanos: quem foi o candidato que teve melhor desempenho no primeiro debate presidencial da história dos Estados Unidos?

A agência de pesquisas *Sindlinger & Co* respondeu a esta pergunta, fazendo ligações para a residência dos americanos para saber quem foi o vitorioso do debate. No artigo publicado nos principais jornais dos Estados Unidos na semana seguinte ao debate, foi constatado que Kennedy venceu o debate para quem assistiu na televisão, enquanto Nixon foi declarado vencedor pelo público que apenas ouviu ao rádio (KRAUS, 2000, p. 210). Duas interpretações podem ser feitas quanto ao resultado final do debate.

A primeira pode ser relacionada ao poder da televisão. As diferenças entre a postura de Kennedy com a de Nixon. Para o tele-espectador, a aparência do candidato é fundamental: segundo sugere o professor Sidney Kraus, a imagem de Kennedy teve um poder de persuasão maior do que suas palavras. A segunda, sustentada principalmente a partir da tese de Bernard Rubin, em 1967, demonstra que as pessoas que ouviram o debate no rádio, apenas prestam atenção nas palavras e ideias expostas e não na aparência ou gestos. Rubin teoriza que “os

ouvintes do rádio concentram-se muito nas palavras ditas enquanto os tele-espectadores concentram-se pouco nas palavras e muito na aparência e gestos” (RUBIN, 1967, p. 121).

Levando em conta que Nixon era conhecido no país inteiro, enquanto Kennedy começou a ganhar destaque após agosto de 1960, pode-se dizer que “o grande debate de 1960” teve influência vital na consolidação da imagem de Kennedy perante o público estadunidense. Outros três debates seriam realizados entre Kennedy e Nixon em 1960, nenhum com a mesma audiência do primeiro. John Kennedy venceu a eleição daquele ano com uma pequena margem de diferença. Apesar de Nixon ter vencido em mais estados (26 contra 22), Kennedy obteve a maioria dos votos dos delegados (303 contra 219 de Nixon).<sup>8</sup>

Um ano depois da sua eleição, Kennedy escreveu que a realização os debates presidenciais foi “um grande serviço de utilidade pública prestado pela indústria da televisão para o povo americano” (KRAUS, 1961, p. 03). Semanas após reconhecer sua derrota, Nixon partiu para uma temporada de férias na Flórida. Segundo David Halberstam:

Estavam próximos de Nixon apenas alguns poucos amigos seus. Finalmente, Leonard Hall, um de seus assessores, perguntou: “porque você decidiu debater (com Kennedy)?”. Nixon apenas olhou para o céu, com os olhos fechados, e com uma expressão facial tensa. Hall esperou, mas sua pergunta nunca foi respondida (HALBERSTAM, 2000, p. 341).

Ao final do “grande debate de 1960”, o jornalista Quincy Howe, da ABC disse: “talvez, estes homens tenham estabelecido uma nova tradição”. Mais de meio século após o primeiro debate presidencial da história dos Estados Unidos é impossível imaginar uma eleição presidencial sem debates presidenciais. Estou de acordo com Chafee (1979) quando este escreve que de todas as mudanças que a televisão trouxe para o campo político, os debates entre os candidatos foram as mais significantes. O primeiro debate presidencial estabeleceu uma nova forma de relação dos políticos com a televisão, ressaltando a importância da transmissão de uma boa imagem do candidato para seu eleitor.

## REFERÊNCIAS

AMBROSE, Stephen. *Nixon: The education of a politician, 1913-1962*. Nova York: Simon and Schuster, 1987.

---

<sup>8</sup> No voto popular, Kennedy obteve 34 milhões e 220 mil votos (49,7%), contra 34 milhões e 108 mil de Nixon (49,5%).

- CHAFEE, S. H. Approaches of U.S. scholars to the study of televised political debates. *Political Communication Review*. Vol. 5, pp. 19–33, 1979.
- DONALDSON, Gary. *The first modern campaign: Kennedy, Nixon, and the election of 1960*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2007.
- FRIEDENBERG, Robert. *Rhetorical Studies of National Political Debates*. Santa Barbara: ABC-CLIO, 1994.
- JAMIESON, K. H. *Packaging the Presidency: A History and Criticism of Presidential Campaign Advertising*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Presidential debates: the challenge of creating an informed electorate*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- HACKER, Kenneth L. *Candidates in presidential elections*. Westport: Greenwood Publishing Group, 2005.
- HALBERSTAM, David. *The powers to be*. Chicago: UIP, 2000.
- HEWITT, Don. *Tell me a Story: Fifty years and 60 minutes in Television*. Nova York: PublicAffairs, 2002.
- KRAUS, Sidney. *Televised presidential debates and public policy*. Londres: Routledge, 2000.
- \_\_\_\_\_. *The great debates: Kennedy vs. Nixon*. Bloomington: IU Press, 1961.
- MARK, David. *Going dirty: the art of negative campaigning*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2009.
- MATTHEWS, Christopher. *Kennedy & Nixon: the rivalry that shaped postwar America*. Nova York: Simon & Schuster, 1998.
- MEARS, Walter. *Deadlines past: forty years of presidential campaigning*. Kansas City, Andrews McMeel Publishing, 2003.
- MINOW, Newton. *Inside the Presidential Debates: Their Improbable Past and Promising Future*. Chicago: UCP, 2008.
- NIXON, Richard. *RN: the memoirs of Richard Nixon*. Nova York: Simon & Schuster, 1978.
- ROSE, Gary. *Controversial Issues in Presidential Selection*. Albany: Suny Press, 1994.
- RUBIN, Bernard. *Political Television*. Belmont: Wadsworth Pub. Co., 1967.
- SAVAGE, Sean. *JFK, LBJ and the Democratic Party*. Albany: SUNY Press, 2006.
- SCHOEDER, Alan. *Presidential debates: fifty years of high risk TV*. Nova York: Columbia University Press, 2008.
- SOLBERG, Carl. *Hubert Humphrey: A Biography*. Saint Paul: Minnesota Historical Society Press, 2003

TRENT, Judith. *Political Campaign Communication: Principles and Practices*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2011.